

ROUSSEAU

DISCURSO SOBRE A ORIGEM E OS FUNDAMENTOS DA DESIGUALDADE ENTRE OS HOMENS

Comentários-JEAN-FRANÇOIS BRAUNSTEIN

Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens

É do homem que hei de falar, e a questão que examino diz-me que a homens falarei, pois não se faz semelhante proposta quando se teme honrar a verdade. Defenderei, pois, confiante, a causa da humanidade perante os sábios que para isso me convidam e não estarei descontente comigo se me tornar digno do meu tema e de meus juízes.

Concebo na espécie humana dois tipos de desigualdade: uma a que chamo de natural ou física, por ser estabelecida pela natureza, e que consiste na diferença de idades, de saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito ou da alma; a outra, que se pode chamar de desigualdade moral, ou política, porque depende de uma espécie de convenção, e é estabelecida, ou pelo menos autorizada pelo consentimento dos homens. Esta consiste nos diferentes privilégios, de que gozam alguns em prejuízo de outros, como o de serem mais ricos, mais homenageados, mais poderosos ou mesmo o de se fazerem obedecer.

Não se pode perguntar qual é a fonte da desigualdade natural, porque a resposta se encontraria enunciada na simples definição da palavra. Pode-se, ainda menos, procurar se não haveria alguma ligação essencial! entre as duas desigualdades; o que seria, em outros termos, perguntar se os que dirigem são necessariamente melhores do que aqueles que obedecem, e se a força do corpo ou do espírito, a sabedoria ou a virtude, se encontram sempre nos mesmos indivíduos na proporção do poder ou da riqueza: eis uma questão, ideal talvez para se colocar entre escravos, ouvidos por seus senhores, mas que não convém a homens razoáveis e livres que buscam a verdade.

De que se trata, pois, precisamente neste discurso? De indicar, no progresso das coisas, o momento em que, o direito sucedendo à violência, a natureza submeteu-se à lei; de explicar por que encadeamento de prodígios pôde o forte decidir-se a servir ao fraco, e o povo a comprar um repouso imaginário ao preço de uma felicidade real.

Os filósofos que examinaram os fundamentos da sociedade sentiram todos a necessidade de remontar ao estado de natureza, mas nenhum deles o conseguiu. Uns³⁴ nem hesitaram em atribuir ao homem nesse estado a noção do justo e do injusto, sem se preocuparem em mostrar que ele deveria ter essa noção, ou mesmo que ela lhe fosse útil.

Outros³⁵ falaram do direito natural inerente a cada um de conservar o que lhe pertence, sem explicar o que entendiam por pertencer. Outros³⁶, atribuindo inicialmente ao mais forte autoridade sobre o mais fraco, de imediato fizeram nascer o governo, sem pensar no tempo que deveria decorrer antes que pudessem existir entre os homens as palavras autoridade e governo. Enfim, todos, falando incessantemente de necessidade, avidez, opressão, desejos e orgulho, transferiram ao estado de natureza idéias que nasceram na sociedade. Falavam do homem selvagem e descreviam o homem civil. Nem mesmo veio ao espírito da maioria dos nossos duvidar que o estado natural houvesse

³⁴ Pufendorf e Locke. Para eles, os homens em estado de natureza estão sujeitos à "lei natural", que identificam as "máximas da reta razão", o que lhes permite contestar Hobbes e sua teoria geral de cada um contra todos, (ver Documentos, pp. 161-2).

³⁵ Locke, para quem o direito de propriedade é anterior à constituição da sociedade civil.

³⁶ Hobbes, Grotius. Todo o *Discurso* combaterá a defesa que fazem do absolutismo, que pretende estar fundamentada na história.

existido, quando a leitura dos Livros Sagrados³⁷ torna evidente que o primeiro homem, tendo recebido diretamente de Deus o saber e os preceitos, não se encontrava ele próprio nesse estado, e que acrescentando aos escritos de Moisés a fé que lhes deve todo filósofo cristão, há que se negar que mesmo antes do dilúvio, os homens jamais se tenham encontrado em puro estado de natureza, a menos que a ele tenham regredido por algum acontecimento extraordinário. Paradoxo bastante embaraçoso a defender e completamente impossível de provar.

Começemos, então, por afastar todos os fatos, pois que não levam à questão³⁸. Não se deve tomar as pesquisas, as quais podem introduzir o assunto, por verdades históricas, mas apenas por raciocínios hipotéticos e condicionais, mais apropriados a esclarecer a natureza das coisas do que mostrar sua verdadeira origem, semelhantes a estes que quotidianamente fazem nossos físicos sobre a formação do mundo³⁹. A religião nos impõe a crença de que tendo o próprio Deus tirado os homens do estado de natureza, imediatamente depois da criação, são eles desiguais porque ele quis que o fossem; mas ela não nos impede de formar conjeturas inspiradas unicamente na natureza do homem e dos seres que o cercam, sobre o que viria a ser o gênero humano, se fora abandonado a si mesmo. Eis o que me pedem, e o que me proponho examinar nesse *Discurso*. Como meu assunto interessa ao homem em geral, tratarei de empregar uma linguagem que convenha a todas as nações, ou melhor, esquecendo os tempos e os lugares, para, unicamente, pensar nos homens a quem falo; imaginar-me-ei no Liceu de Atenas, repetindo as lições de meus mestres, tendo por juízes os Platões e os Xenócrates⁴⁰, e por ouvinte todo o gênero humano.

Homem! Sejas de onde fores, quaisquer que sejam tuas opiniões, ouvi-me. Eis tua história tal como acreditei havê-la lido, não nos livros de teus semelhantes, que são mentirosos, mas na natureza que não mente jamais. Tudo o que dela vier será verdadeiro. De falso, nela haverá apenas o que sem querer de meu terei misturado. Os tempos de que vou falar-te, bem longe vão. Como mudaste, daquilo que foste! E, por assim dizer, a vida de tua espécie que te vou descrever, de acordo com as características que recebeste, e que tua educação e teus hábitos puderam alterar, mas não puderam destruir. Há, eu o sinto, uma idade em que o homem individual gostaria de parar; tu buscarás a idade na qual gostarias que tua espécie houvesse parado⁴¹. Descontente com teu estado atual, por razões que prometem à tua infeliz posteridade ainda maiores descontentamentos, talvez desejaesses retroceder; esse sentimento deve constituir o elogio de teus primeiros antepassados, crítica de teus contemporâneos e o pavor dos que terão a infelicidade de viver depois de ti.

³⁷ Essa crítica, pela revelação, àqueles que recorrem à revelação, é igualmente empregada, não sem humor, por Buffon. ("Provas da teoria da Terra", *História natural*, t. I, in O.P., pp. 85B, 87B.)

³⁸ Frase muito célebre e discutida. Os fatos a que se refere não são somente bíblicos. Trata-se, de forma mais ampla, de fatos de observação em geral: a história é recusada em nome da razão. Ao culto do fato que permite justificar a ordem estabelecida, Rousseau opõe a ordem do direito: "eu busco o direito e a razão, e não discuto os fatos" (*Manuscrito de Gtruhra*, O. C t. III, p. 297).

³⁹ Alusão a Buffon e a suas hipóteses sobre a "Teoria da Terra". Buffon reabilitou a idéia da hipótese contra um positivismo de inspiração newtoniana. Mas trata-se ao mesmo tempo de afirmar uma pretensão científica, e de respeitar as precauções, comuns na época, em relação à Igreja; ver as Respostas de Buffon à Faculdade de Teologia: não é proibido propor simples suposições filosóficas" (O.P., p. 108A).

⁴⁰ Xenócrates (394-314 a.C): discípulo de Sócrates, célebre por sua virtude.

⁴¹ Essa comparação entre história da humanidade e evolução do indivíduo encontra-se em Pascal (*Fragmento de um tratado do vácuo*).

SEGUNDA PARTE

O primeiro que, tendo cercado um terreno, arriscou-se a dizer: "isso é meu", e encontrou pessoas bastante simples para acreditar nele, foi o verdadeiro fundador da sociedade civil. Quantos crimes, guerras, mortes, misérias e horrores não teria poupado ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou tapando os buracos, tivesse gritado a seus semelhantes: Fugi às palavras desse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos pertencem a todos, e que a terra não é de ninguém. Entretanto parece que as coisas já haviam chegado ao ponto de não mais poder continuar como estavam⁹⁵; pois essa idéia de propriedade, dependendo de muitas idéias anteriores que não puderam nascer senão sucessivamente, não se formou repentinamente no espírito humano. Foi preciso fazer muitos progressos, adquirir muita indústria e saber transmiti-los e aumentá-los de geração em geração, antes de se atingir esse último estágio do estado de natureza. Afastemo-nos, pois, no tempo, para retomar as coisas, e tratemos de reunir sob um único ponto de vista essa lenta sucessão de acontecimentos e conhecimentos em sua ordem mais natural.

O primeiro sentimento do homem foi o de sua existência; sua primeira inquietação, a de sua preservação. As produções da terra forneciam-lhe todos os socorros necessários; o instinto o levou a fazer uso delas. A fome e outros apetites fizeram com que ele experimentasse sucessivamente diversas maneiras de existir, e assim houve uma que o levou a perpetuar sua espécie. Essa inclinação, cega, desprovida de qualquer sentimento do coração, produzia apenas um ato puramente animal. Satisfeita a necessidade, os dois sexos não mais se reconheciam, e a própria criança, assim que pudesse passar sem a mãe, nada mais significava para ela.

Tal foi a condição do homem ao nascer; tal foi a vida de um animal inicialmente limitado às sensações puras, que apenas aproveitava os dons que lhe eram oferecidos pela natureza, e que jamais pensava em tirar dela o que quer que fosse. Mas logo apareceram as dificuldades; foi preciso aprender a vencê-las: a altura das árvores que o impedia de alcançar os frutos, a concorrência dos animais que também procuravam se alimentar, a ferocidade daqueles que ameaçavam sua própria vida, enfim, tudo o obrigou a se aplicar aos exercícios do corpo; foi preciso tornar-se ágil, rápido na corrida, forte no combate. As armas naturais, que são os galhos das árvores e as pedras, logo caíram em suas mãos. Aprendeu a vencer os obstáculos da natureza, a combater os outros animais quando necessário, a disputar com os próprios homens sua subsistência, ou a substituir o que era preciso ceder ao mais forte.

À medida que o gênero humano se espalhou, as dificuldades se multiplicaram com os homens. A diferença de solos, de climas, de estações forçou-os a adaptar sua maneira de viver. Anos estéreis, invernos longos e rudes, verões escaldantes, que consomem tudo, exigiram deles uma nova indústria⁹⁶. À beira do mar e dos rios, inventaram a linha e o anzol, e tomaram-se pescadores e ictiófagos. Nas florestas, fizeram arcos e flechas e tornaram-se caçadores e guerreiros. Nas regiões frias, cobriram-se com as peles dos animais que haviam matado. O trovão, um vulcão, ou qualquer outro feliz acaso, fez com que conhecessem o fogo, novo recurso contra o rigor do inverno; aprenderam a conservar esse elemento, depois a reproduzi-lo, e enfim a preparar com ele as carnes que antes devoravam cruas.

Essa adequação reiterada de organismos estranhos a si mesmo, e de uns aos outros, teve naturalmente de engendrar no espírito do homem as percepções de certas relações⁹⁷. Essas relações que exprimimos pelas palavras grande, pequeno, forte, fraco, rápido, lento, medroso, ousado, e outras idéias semelhantes, comparações surgidas da necessidade, e quase que espontaneamente, produziram enfim no homem alguma reflexão; ou antes uma prudência maquinal que lhe indicava as precauções mais necessárias à sua segurança.

⁹⁵ Como no início da primeira parte (p. 52), Rousseau faz uma representação figurada da tese essencial da segunda parte. Mas logo completa seu grito de volta ao anunciar uma análise, que vai mostrar a necessidade do aparecimento da idéia de propriedade, resultado de uma lenta evolução. A observação de Voltaire, na margem de seu exemplar, mostra bem o caráter revolucionário do pensamento de Rousseau: "eis a filosofia de um miserável que gostaria que os ricos fossem roubados pelos pobres".

⁹⁶ As invenções técnicas, como o desenvolvimento da linguagem, devem-se a circunstâncias naturais excepcionais. Ver p. 65, nota 65.

⁹⁷ Idéia comum na época: para Buffon, não se pode adquirir conhecimentos senão "por meio de comparação" ("Histoire naturelle de l'homme", *História Natural*, t. II, 1749, O. P. p. 293B).

Os novos conhecimentos que resultaram desse desenvolvimento aumentaram sua superioridade sobre os outros animais, fazendo-o consciente dela. Aprendeu a lhes preparar armadilhas, deles se vingou de mil maneiras; e ainda que muitos o superassem em força no combate, ou em velocidade na corrida, tornou-se, com o tempo, daqueles que podiam servi-lo ou causar-lhe dano, senhor de uns e flagelo de outros. Foi assim que o primeiro olhar que lançou sobre si mesmo produziu-lhe o primeiro sentimento de orgulho; foi assim que, ainda mal distinguindo as categorias, e colocando-se na primeira por sua constituição, já se preparava para integrar-se nela enquanto indivíduo.

Embora seus semelhantes não fossem para ele o que são para nós, e não estabelecesse com eles mais relações do que com os outros animais, eles não foram esquecidos nas suas observações. As semelhanças que o tempo lhe fez perceber entre eles, sua fêmea e ele próprio, levaram-no a julgar as que não percebia e vendo que todos se comportavam como ele em circunstâncias semelhantes, deduziu que pensavam e sentiam de maneira inteiramente conforme à sua; e essa importante verdade, bem-estabelecida em seu espírito, lhe fez seguir, por um pressentimento tão seguro e até mais dinâmico do que a dialética, as melhores regras de conduta que, por sua vantagem e segurança, lhe convinha manter para com eles.

Instruído pela experiência de que o amor do bem-estar é o único móvel das ações humanas⁹⁸, encontrou-se em estado de distinguir as raras ocasiões em que o interesse comum devia fazê-lo contar com a assistência de seus semelhantes, e as mais raras ainda em que a concorrência devia fazê-lo desconfiar deles. No primeiro caso, unia-se a eles em bandos, ou, quando muito, por alguma espécie de associação livre que não comprometia ninguém, e que só durava o tempo da necessidade passageira que a havia formado. No segundo, cada um procurava tirar suas vantagens, seja abertamente, se podia, seja por habilidade e sutileza, caso se sentisse mais fraco.

Eis como os homens puderam adquirir insensivelmente algumas vagas idéias dos compromissos mútuos, e da vantagem de respeitá-los; mas somente quando um interesse presente e tangível pudesse exigí-lo, pois a previdência nada representava para eles e, longe de se preocuparem com um futuro mais distante, eles não pensavam nem mesmo no dia seguinte. Quando se tratava de caçar um veado, cada qual sabia bem que devia, para tanto, ficar fielmente em seu lugar; mas, se acontecesse de uma lebre passar ao alcance de um deles, não se deve duvidar que ele a perseguisse sem escrúpulo, e que, tendo agarrado sua presa, não se preocupasse com a de seus companheiros.

Não é difícil compreender que tal relacionamento não exigia uma linguagem muito mais refinada do que a das gralhas ou dos macacos que se agrupam mais ou menos da mesma forma. Gritos inarticulados, muitos gestos, e alguns ruídos imitativos devem ter composto por muito tempo a língua universal; acrescentando-se a ela, em cada região, alguns sons articulados e convencionais, cuja instituição, como já disse⁹⁹, não é muito fácil de explicar, deu-se a formação de línguas particulares, mas rudes, imperfeitas, e mais ou menos como as que se tem ainda hoje em diversas nações selvagens¹⁰⁰.

⁹⁸ O amor do bem-estar é aqui sinônimo do amor de si. Como Hobbes, Rousseau não acredita que o primeiro móvel das ações humanas seja a razão.

⁹⁹ Ver pp. 65-71 Rousseau, nessa passagem, insiste no problema da linguagem, pois essa questão estava relacionada à possibilidade de uma vida gregária, segundo os teóricos do direito natural.

¹⁰⁰ Principalmente os caraíbas, descritos por DuTertre.